

## Meu Universo<sup>1</sup>

AS PÁGINAS que se seguem não têm, de maneira alguma, pretensão de fornecer uma explicação definitiva do Mundo. Não visam diretamente estabelecer nenhuma teoria geral do pensamento, da ação e da mística, como se os horizontes que descobrem tivessem de impor-se como tais, imediatamente, a todos os espíritos, à custa de algumas outras formas de ver, consideradas (com ou sem razão) mais tradicionais ou mais comuns. Proponho-me simplesmente aqui expor a maneira pessoal de compreender o Mundo à qual me senti progressivamente conduzido pelo inevitável desenvolvimento de minha consciência humana e cristã. Reagindo sobre minha natureza individual, as verdades e a prática religiosa produziram, por um processo ao qual sinto minha liberdade completamente estranha, os resultados que procuro agora traduzir. É este determinismo (ou, se se preferir, esta irresistível espontaneidade) que constitui o principal interesse do Ensaio que apresento. Será fácil, evidentemente, de um ponto de vista intelectual, criticar o sistema que proponho. Tais críticas não poderiam de forma alguma tirar-lhe seu valor especial, o de trazer um testemunho psicológico irrefutável. Quanto à maior ou menor habilidade de minha filosofia, será sempre admitido, como questão de fato, que um homem médio do século XX, uma vez que participava normalmente nas idéias e preocupações de seu tempo, só conseguiu encontrar o equilíbrio de sua vida interior

<sup>1</sup> Este escrito é o segundo intitulado *Meu Universo* (Mon Univers). O primeiro, de 1918, acha-se publicado pela Srta. Alice Teillard-Chambon em *Ecrits du Temps de la Guerre*, Editions Grasset (N.E.).

numa concepção fisicista e unitária do Mundo e de Cristo — e aí encontrou uma paz e uma expansão sem limites.

Ora, esse êxito objetivo, por si próprio, tem sua importância. Prova que, malgrado a inabilidade e a aproximação dos termos que emprego, houve uma tendência espiritual que foi ganhando forma em mim e que outros, mais tarde, irão observar de maneira mais feliz do que eu. Na verdade, sinto-o, não fui eu mesmo que concebi estas páginas: mas foi, em mim, um Homem maior que eu — um Homem que reconheci, sempre o mesmo, cem vezes ao redor de mim. Por mais limitada que tenha sido, minha experiência destes últimos dez anos me provou que, tanto no Cristianismo como fora dele, um número insuspeitável de espíritos se alimentam (mais ou menos explicitamente) das mesmas intuições e dos mesmos pressentimentos que encheram minha vida. Como a sorte me colocou numa privilegiada encruzilhada do Mundo onde, na minha dupla qualidade de padre e homem de Ciência, pude sentir passar através de mim, em condições particularmente variadas e exaltadoras, a dupla onda dos poderes humanos e divinos; uma vez que, nesta situação privilegiada na fronteira de dois mundos, encontrei amigos excepcionais para abrir meu pensamento, e lazeres prolongados para amadurecê-lo e fixá-lo: creio que eu seria infiel à Vida, infiel igualmente aos que necessitam que os ajude (como outros me ajudaram), se não tentasse transmitir-lhes os lineamentos da esplêndida imagem que se desvelou diante de mim no curso de vinte e cinco anos de reflexões e experiências de todo tipo. Repito-o: encontrarão aí apenas um esboço. Mas quanto a este esboço, a felicidade de sua vida, como da minha, será trabalhar sem desfalecimento para precisar-lhe os traços.

O que propicia ao ponto de vista que tentarei definir seu poder de sedução e seu valor de paz é a maneira flexível e feliz como, a partir dele, os inúmeros elementos do Mundo físico, moral, social, religioso... se encadeiam, se ordenam, se iluminam mutuamente — a perder de vista, e no seu fundo mais íntimo. Mostrar esta coerência sólida, natural, total, eis toda a minha «apologética». Não me demorarei discutindo proposições particulares. Não me preocuparei com multiplicar os postulados. Também não me darei ao trabalho de acompanhar em seus últimos prolonga-

mentos os corolários que irão surgindo inumeráveis ao longo das diretrizes que iremos traçando a grandes pinceladas. Minha única preocupação será mostrar como é possível, abordando sob determinado ângulo a imensa desordem das Coisas, ver de repente como sua obscuridade e sua discórdância se transmudam em vibração inefável, inesgotável na riqueza de seus matizes e suas notas, interminável na perfeição de sua unidade. Se conseguir de alguma maneira que outros compreendam e compartilhem este êxito, terei dado a melhor das provas: para realizar sem esforço a Síntese do Real, só mesmo em presença da própria Verdade.

## I. FILOSOFIA. A UNIÃO CRIADORA

### A. Os princípios fundamentais

Antes de abordar a exposição sintética da filosofia que sustenta e organiza o edifício de minhas construções morais e religiosas, penso ser útil destacar um certo número de Princípios ou Postulados fundamentais onde se mostra «o espírito» em que nasceu e se foi desenvolvendo minha representação do Universo.

#### 1) *O primado da consciência*

Lógica e psicologicamente, o primeiro destes princípios é a convicção profunda de que o ser é bom, isto é:

- a) é melhor ser que não ser;
- b) é melhor ser mais que ser menos.

Admitindo como princípio auxiliar que o ser «acabado» é o ser consciente, podemos dar a este princípio uma forma mais prática e mais clara, a saber:

- a) é melhor ser consciente que não-consciente;
- b) é melhor ser mais consciente que menos consciente.

À primeira vista essas proposições poderão parecer evidentes ou estéreis. Na realidade, mostram-se extremamente fecundas e exigentes uma vez que se procure levá-las às suas últimas conseqüências. E ficamos surpreendidos, na experiência, ao ver como são contestadas prática ou teoricamente pelos agnósticos, pessimistas, amantes do prazer e pusilânimes. Talvez seja mesmo a partir da opção primordial entre o valor ou o não-valor absoluto da maior consciência que se produz a grande ruptura entre os Homens bons ou maus, eleitos ou reprovados.

#### 2) *A fé na vida*

Imediatamente ao lado desta primeira pedra fundamental de minha vida interior — o primado da Consciência — distingo uma outra que é a Fé na Vida, isto é, a certeza inabalável de que o Universo, considerado em seu conjunto,

- a) tem um fim;
- b) e não pode enganar-se em seu rumo, nem deter-se no seu caminho.

Tomados isoladamente, os elementos do Mundo não conseguem êxito, infelizmente: — a não ser em proporção irrisória. Invencivelmente, recuso-me a estender à sua coletividade esta total contingência. Não posso admitir que o Universo fracasse. Que esse privilégio (a garantia do sucesso) se deva a uma ação providencial transcendente — ou à influência de uma energia espiritual imanente ao todo (alguma Alma do Mundo) — ou àquela espécie de infalibilidade que, negada às tentativas isoladas, pertence às tentativas indefinidamente multiplicadas («infalibilidades dos grandes números») — ou que se deva antes à ação hierarquizada desses três fatores simultaneamente — pouco importa aqui. — Antes de qualquer explicação da coisa, creio no fato de que o Mundo, tomado como um Todo, tem seu êxito assegurado, isto é, (em virtude do Princípio 1) há de chegar a um certo estado superior de consciência.

Creio-o por inferência: se o Universo teve até aqui êxito no incrível trabalho de fazer nascer o pensamento